## GLOBO

DE JANEIRO, DOMINGO, 25 DE ABRIL DE 2010 . ANO LXXXV . Nº 28.020

ROBERTO MARINHO (1904-2003)

### ortes

Leonardo Aversa



itebol no país mais fechado do mundo

## Mergulho na cinzenta Pyongyang

- Pyongyang, a capital norte-coreana, é cinzenta.
   A única cor vem das milhares de fotos do "eterno líder", conta Leonardo Aversa, enviado especial à Coreia do Norte, adversária do Brasil na Copa.
- Convidado pelo Flamengo, o técnico Joel Santana resolveu ficar no Botafogo.

## Revista



## rdiça R\$1 bi m remédios

#### governos, hospitais e consumidores

poder público e pelos hospitais privados se estragam, seja por erros na compra, no armazenamento ou na distribuição dos produtos. Uma família brasileira de classe média com quatro pessoas joga no lixo, todo ano, R\$ 60 em medicamentos vencidos. Página 3

#### Ao mestre com muito carinho

A bela escritora Paula Parisot, que levou o discreto Rubem Fonseca ao extravagante lançamento de seu último livro, é a mais nova pupila do autor, posto que já foi de Bruna Lombardi, Ana Miranda e Patrícia Melo.

não tem idade





Rubem
Fonseca
não resiste
ao papel de
padrinho
de escritoras
em início
de carreira.
Sorte delas

# Foto de Gustavo Pellizzon Por Renato Lemos Foto de Gustavo Pellizzon Foto de Gustavo Pellizzon

escritor Rubem Fonseca, entre os que gozam de seu convívio, é conhecido como Zé Rubem. Mais que um apelido, é um sinal de Intimidade ainda que não sejam muitos os que tenham a chance de tratá-lo assim. Rubem, um homem de 84 anos que tem por hábito se esconder embaixo de bonés e atrás de óculos escuros, é avesso a expor sua vida publicamente, nem noite de autógrafos faz. Esse restrito círculo social, no entanto, às vezes é quebrado por escritores, especialmente mulheres, que acabam apadrinhadas por ele. Rubem Fonseca então vira Zé Rubem. Ele as aconselha sobre o estilo, palpita sobre personagens e, por fim, recomenda seus nomes no mercado editorial, o que pode ser determinante para o sucesso de suas carreiras. Bruna Lombardi já fez parte desse círculo. Ana Miranda e Patrícia Melo também. São suas pupilas, uma palavra que designa tanto as mulheres que seguem as diretrizes traçadas por um mestre, quanto a parte do olho que filtra a luz e permite a visão. Paula Parisot - a autora que, mês passado, conseguiu levar o recluso escritor a participar de uma extravagante performance pública no lançamento de seu



► Paula é carioca, tem 31 anos, dois livros publicados. adoração por botas de cano longo, cinco centímetros a menos do que gostaria de altura, dentes branquinhos, nenhuma tatuagem - e é bonita. Já vendeu bolsas, iá fez curso de teatro em Nova York, já comprou tecidos em Omă. Agora escreve. Seu primeiro livro, "A dama da solidão", de 2007, reunia 21 contos, muitos deles extremamente bem escritos. Paula conseguiu publicá-los depois de abordar Rubem Fonseca em uma padaria do Leblon. Rubem gostou de seus textos, a convidou para tomar café em sua casa e. depois de fazer anotações a lápis nos originais, recomendou sua publicação à Companhia das Letras, editora que também lançava seus livros na época. Fez a mesma coisa no ano passado, mas a editora paulista não se interessou por "Gonzos e parafusos". Achou - nas palavras da própria autora rococó demais. Segundo comentários de quem é do ramo, a rejeição ao livro de Paula foi o motivo da saída de Rubem Fonseca da Companhia das Letras, onde estava havia mais de 20 anos.

- O Rubem saiu porque teve uma proposta muito mais alta da Agir, só isso. Eu enviel meus originais para a Companhia das Letras, mas eles queriam fazer alterações demais. mudar radicalmente o que eu havia escrito. Não topei. Cheguei a conversar com a Patrícia Melo e ela me aconselhou a ficar firme na minha posição diz Paula, que tem um colar com um pingente escrito "Foda-se", sugestão de seu mestre de como lidar com alguns contratempos. - Claro que o apoio do Rubem pesa. Foi ele, pessoalmente, quem

encaminhou meus originais para a Leya.

A Leya, editora portuguesa, se instalou há pouco tempo no Brasil. Está apostando em Paula. A autora diz que sua performance que, de uma forma ou de outra, colocou seu livro na primeira página dos principais jornais do país - é uma manifestação de arte como outra qualquer. Como um livro, um filme ou uma peça de teatro. Durante sete dias, ela ficou presa em uma espécie de quarto de acrílico montado em uma livraria da capital paulista, numa reprodução do que teria vivido a personagem principal de seu romance, uma psicanalista atormentada que imagina ser uma baronesa retratada em um quadro de Gustav Klimt. Não falava com ninguém. As vezes gritava, às vezes usava uma máscara. Tomava banho à noite, quando a livraria fechava. Na manhã do quarto dia, Rubem Fonseca saiu de sua casa no Leblon e viajou 450 quilômetros para visitar sua pupila. Alimentou-a através de uma portinhola instalada na cela. Sorriu para jornalistas. O evento custou R\$ 50 mil. Até o momento, o livro de Paula ven-

No lado pessoal, aprendi com ele o valor do recolhimento e da dedicação plena

77

Ana Miranda







44

Ele é um grande incentivador de tudo o que escrevo, mas temos estilos bem diferentes

**77** Br

Rruna Lombardi

deu dois mil exemplares.

— Rubem Fonseca contou-me que a Paula havia escrito um romance e eu fiquei interessado, seu livro anterior tinha me causado uma ótima impressão. Paula escreve com sangue — diz Pascoal Soto, editor geral da Leya. — Tenho o privilégio de ser amigo pessoal do Rubem e se um livro chama a atenção de um escritor como ele, quero conhecê-lo.

Rubem ainda é o principal articulador na trama editorial do país, mas já não vende tanto quanto antes. Mesmo assim, continua sendo um best-seller. Seu último livro de inéditos lancado pela Companhia das Letras, "Ela e outras mulheres", de 2007, vendeu 22 mil exemplares, um ótimo resultado para ficção no Brasil. Seu romance mais recente, "O seminarista", foi lancado pela Agir em novembro passado. A editora diz que "Rubem Fonseca foi uma contratação fundamental para o nosso catálogo" e que as vendas estão na casa dos 20 mil exemplares. São números vagos: os balancos das editoras contêm segredos que nem Mandrake, o esperto investigador criado por RF, seria capaz de desvendar.





Último livro do autor, "O seminarista" vendeu cerca de 20 mil exemplares desde o lançamento, em novembro de 2009, pela Agir. "Ela e outras mulheres", de 2007, ainda pela Companhia das Letras, bateu 22 mil

44

Encontrei minha alemazinha quando tomava café no balção de uma delicatessen. Vou à delicatessen apenas pela manha. No resto do dia frequento botecos pés-sujos. A alemazinha sentou-se ao meu lado, pediu um expresso e quando o café foi servido ela foi se ajeitar no banco em que estava sentada e derramou o expresso fervendo no meu braço. Constemada, levantou-se do banco pedindo desculpas, pegou um monte de guardanapos de papel e começou a secar o meu braço.

'Não se preocupe, não doeu nada', eu disse. 'Sente-se, por favor. Garçom, outro expresso para a senhorita'.

Esperei ela começar a tomar o café e disse que meu nome era José.

77

Trecho de "O seminarista" em que Rubem Fonseca ficciona seu primeiro encontro com Paula Parisot No entanto, uma consulta à Livraria da Travessa, no Centro, pode dar pistas. Ali, "O seminarista" passou dois meses na estante dos mais vendidos, mas Luis Fernando Verissimo e Luiz Alfredo Garcia-Roza, que lançaram romances policiais na mesma época, venderam mais.

- Rubem Fonseca fundou o cânone da literatura urbana que predomina no Brasil há 30 anos, influenciou nomes como Patrícia Melo. Ana Miranda e Marcal Aquino. Penso, contudo, que os contemporâneos resistem ao peso de sua influência direta. Eles têm uma influência mais internacional, de autores como Paul Auster e Roberto Bolaño - afirma Karl Erik Schollhammer, professor de literatura da PUC que acaba de lançar "Ficção brasileira contemporanea".

Santiago Nazarian, 32 anos, autor de "Feriado de mim mesmo", é um dos que não carregam o nome Rubem Fonseca nos ombros. Não está só. Em reportagem publicada pelo "Prosa & Verso", ano passado, nenhum dos jovens autores brasileiros consultados se disse influenciado pelo es-

critor. Convidados a citar 15 nomes (entre literatura, música, artes plásticas e cinema) que mais lhes deixaram marcas, nenhum deles — de André Sant'anna a Carola Saavedra, passando por André de Leones — citou Rubem Fonseca. Santiago diz que é impossível definir um só nome para toda uma geração.

- O escritor que mais me despertou a vontade de escrever, na adolescência, foi Oscar Wilde, não uma influência exclusivissima, mas natural. Todo escritor deve procurar uma voz e um universo únicos, e para chegar aí o repertório também deve ser diferenciado — diz Santiago, que já foi vendedor de livraria e redator de disque-sexo. -Então o mundo não precisa de mais escritores influenciados por Rubem Fonseca ou Machado de Assis, que seja.

Há mais ou menos 20 anos quando Ana Miranda lhe mostrou os rascunhos de "Boca do inferno", seu romance mais famoso - a situação era outra. Rubem era a principal referência de qualquer escritor em início de carreira. Ana fez o que Bruna Lombardi (uma atriz linda e já famosa na época) faria um ano depois. quando foi até a casa do escritor para lhe mostrar "Filme proibido". O mesmo caminho percorrido por Patrícia Melo (que faria de Rubem personagem em "Jonas, o copromanta", de 2008), com o calhamaço de "Acqua toffana" embaixo do braço. Em todas as vezes, Rubem leu os textos com atenção, sugeriu mudancas aqui e ali, falou um galantelo ou outro e conseguiu que fossem, todos elas, publicadas pela Companhia das Letras. Desde a saída de Rubem, apenas Ana Miranda continua vinculada à editora.

 Rubem influenciou toda uma geração, fundou entre nós uma literatura que é vertente de grande força, principalmente entre jovens autores. No lado pessoal, aprendi com ele o valor do recolhimento e da dedicação plena — diz Ana, que o homenageou em "Dias & dias", romance inspirado em poema escrito por ele.

Bruna vai mais ou menos na mesma linha.

— Eu gosto demais do trabalho dele, ele é um grande incentivador de tudo o que eu escrevo, mas temos estilos bem diferentes — diz Bruna, que atualmente trabalha em roteiros para o cinema e fez questão de posar para as fotos debruçada sobre os livros do escritor.

No apartamento dúplex de Paula Parisot, em São Paulo, há, contadinhos, 34 exemplares de livros de Rubem Fonseca na estante. Estão junto a uma fotografia em preto e branco em que a autora aparece ao lado do mentor. Há também livros de Marguerite Duras, Philip Roth e Tchekov, outras das influências da escritora - além de um exemplar mexicano de "A dama da solidão", prefaciado por Rubem. Paula - que agora escreve sobre um viajante solitário que vai do Brasil ao Alasca - está acostumada a viver entre livros. Aprendeu a gostar de ler dormindo na biblioteca da casa da avó, na Urca. Foi lá que teve o primeiro contato com Rubem, em "Passeio noturno", conto de "Feliz ano novo". O autor daquela história nunca mais saiu de sua cabeça. Ainda que no primeiro encontro (uma história contada de maneira romanceada em "O seminarista"), ela tivesse dúvida se o homem tomando café na padaria era mesmo o seu escritor predileto:

— Ele era mais baixinho e magrinho do que eu imaginava. Custei a acreditar que aquele homem era o mesmo que escrevia aqueles livros, sabia?